

**horas
azuis
bruna
dantas
lobato**



COMPANHIA DAS LETRAS

1.

Cheguei ao *campus* de madrugada e subi as escadas arrastando minhas malas. Tinha viajado por quase trinta horas para chegar do Brasil àquela cidade no meio do nada em Vermont, mas ainda assim estava agitada demais para conseguir dormir. Até de manhãzinha, vaguei pelos corredores acarpetados da minha nova casa, conhecida no *campus* como a «caixa de leite» por causa do formato em ângulos retos e as paredes muito brancas. Li os nomes dos alunos nas etiquetas coloridas pregadas em todas as portas, visitei os banheiros que brilhavam com espelhos enormes, mexi em todos os armários e abri a geladeira vazia na cozinha no andar de baixo, ainda com cheiro de nova, como se ninguém nunca tivesse guardado comida nela.

Os quartos da minha casa tinham móveis idênticos de pinho: uma cama, uma cômoda, uma escrivaninha e uma cadeira que balançava levemente e arranhava o assoalho de madeira envernizada. Quando minhas duas colegas de apartamento chegaram, uma semana depois, cobriram seus quartos com colchas, pôsteres, cadernos e adesivos coloridos, e logo os dois ficaram diferentes: um macio com almofadas e tapeçarias nas paredes, o outro duro com cristais e cerâmicas feitas à mão. O assoalho riscado desapareceu sob tapetes felpudos. Elas tinham geladeiras, micro-ondas, chaleiras elétricas, lousas brancas com recados

penduradas na porta, fotos emolduradas, cacarecos sobre todas as superfícies, pedacinhos de casa que trouxeram com elas ou compraram *on-line*. O quarto delas parecia cheio de si, transbordando com estampas, formas, recordações de suas vidas.

O meu continuou amadeirado, com tábuas por dentro e os pinheiros do lado de fora da janela enorme que dava para o campo de futebol. Nas minhas malas, só couberam meus diários, poucos livros favoritos, algumas roupas, frasquinhos de xampu e condicionador e uma minibarra de sabonete para me ajudar a sobreviver aos primeiros dias. Minha mãe me deu a bolsinha vermelha de primeiros socorros que ela deixava no carro com analgésicos e curativos e eu a enfiar na mochila, pronta para enfrentar o mundo, mesmo que me machucasse.

Apesar de eu ter uma bolsa integral e um trabalho de vinte horas por semana nos correios da faculdade, não tinha condições de comprar nada que não fosse imediatamente útil, só o essencial disponível nas lojas listadas no folheto de boas-vindas aos alunos estrangeiros, Walgreens, AT&T e Walmart: cadernos, toalhas, um cesto de roupas, um celular barato com teclado. Além dos lençóis brancos simples e de um travesseiro, a única coisa que comprei para o meu quarto foi um abajur: azul-marinho, articulável, um pouco de cor no meio dos tons de bege. Quando minha mãe me ligava pelo Skype, do nosso apartamento na periferia de Natal, era isso que ela via. O brilho daquele abajur, morno, sempre me iluminando. Depois, quando ficou mais frio e escuro, quando o céu se encheu de neve e as paredes brancas viraram azuis, eu dependia daquele calor, que esquentava minha pele quando a luz ficava acesa por certo tempo.

No começo, a gente se falava todos os dias, daí três ou quatro vezes por semana, quando as aulas ficaram mais puxadas e eu tinha trabalhos da faculdade para fazer. Eu arrumava a minha

cama, empurrava para um canto a louça suja que tinha deixado na beira da janela e guardava as roupas penduradas no encosto da cadeira como espécie de preparação para as nossas ligações. Acendia o abajur, morno, e me sentava debaixo do seu abrigo. No computador, conferia minha imagem pela câmera para ver se as minhas olheiras não pareciam muito fundas, se nada no quarto estava fora do lugar. No Skype, através das nossas conexões lentas, minha mãe me perguntava como eu estava.

Mostrei pela câmera meus lençóis novos, meus cadernos em branco, minhas canetas ainda no plástico.

Você tem tanta vida pela frente, minha mãe disse.

O sol estava se pondo em Natal e amarelava sua sala.

Aproveite o calor por mim, falei.

Nos outros dias, quando eu não passava tanto tempo no quarto, enviava fotos minhas lá fora: debaixo de uma macieira carregando uma cesta de maçãs com minha nova amiga Safia, experimentando um casaco acolchoado num bazar, lendo livros da disciplina de English literature na frente da biblioteca e deixando minhas pernas balançarem na beira do cais do lago. Eu sorria em todas as fotos. O *campus* era lindo no outono, folhagem vermelha e dourada por toda parte. Sempre que eu pisava nas folhas ressecadas no chão e elas estalavam, quase me esquecia de tudo que sentia falta.

Quase me esquecia, mas nunca completamente. Safia me passava seu celular para eu tirar fotos dela para os seus pais no Paquistão. Ela sorria com as Montanhas Verdes ao fundo. Eu lhe entregava o meu para que ela fizesse o mesmo por mim.

Eu posava, uma mão no quadril, a outra segurando o cabelo para que não voasse no meu rosto.

Então nos sentávamos num monte de folhas, debaixo de um bordo, para estudar as fotos uma da outra, como estávamos

diferentes com aquelas roupas e botas novas, neste lugar dourado.

Duas nerds de óculos e botas UGG falsificadas, eu falei e ela riu.

Você vai ver, nossos pais vão adorar, Safia disse. Os casacos até os joelhos, as cores vivas das folhas, as montanhas. É exatamente como eles imaginam.

Parece que você está andando na estrada do *Mágico de Oz*, eu disse.

Ela disse: Parece que você mora num cartão-postal.

Durante as duas primeiras semanas no *campus*, tentei registrar todas as minhas experiências novas num caderno. Pratos que comi pela primeira vez, coisas que nunca tinha visto, expressões que não conhecia, palavras que ainda não conseguia pronunciar. *Hegemony*, *facetious*, *Worcestershire*. Um celeiro vermelho transformado em prédio acadêmico, copos de café servidos com canudos, ovinhos azuis num ninho, um carrapato de cervo, me contaram, subindo na minha perna. Carreguei o caderno no bolso e rabisquei nele sem pudor durante as aulas, refeições, conversas com os amigos, na esperança de que me ajudaria a captar algo daquele lugar. Eu teria uma imagem mais completa do que a que conseguia com a câmera, e isso serviria para eu me lembrar daqui mais tarde e também para compartilhar com a minha mãe.

Mas quando finalmente li o caderninho, só continha coisas como *Chipmunks não são uma invenção de desenho animado!* (Não são nem esquilo, nem serelepe, nem caxinguelê. Por que não tem uma palavra em português?), ao lado de uma página inteira que listava árvores coníferas: espruces, cedros, ciprestes, dezenas de tipos de pinheiros. Enfiei o caderno numa gaveta da escrivaninha

e nunca mais escrevi nada, decepcionada com o fato de aquilo me parecer insuficiente e, ao mesmo tempo, exaustivo demais. Por um lado, lugar nenhum pode ser reduzido a um catálogo de comidas, plantas e cômodos. Por outro, havia coisas demais para nomear e tudo precisava de uma forma, uma textura, uma cor. Entendi naquele momento que eu nunca conseguiria terminar de contar à minha mãe tudo o que via, que precisaria de tanto tempo para contar quanto para viver.

Ainda assim, eu tentei. Conte-i-lhe como era caminhar pela neblina espessa, enrolar meu pescoço com lã, comer costelas com molho de mel.

Você me promete?, ela perguntou. Você me promete que vai voltar inteira?

Antes que me desse conta de quanto tempo já tinha passado, nevou pela primeira vez. Acordei e o campo de futebol que eu via pela janela tinha desaparecido debaixo de colinas de pó branco, sopradas pelo vento como dunas. Era outubro. O céu se mostrava de um cinza impenetrável, as nuvens muito densas para que a luz do sol atravessasse. Vesti minha jaqueta acolchoada e corri para fora. Flocos de neve caíram no meu cabelo e no casaco, estrelas minúsculas cheias de detalhes, e se dissolveram imediatamente ao meu toque. Apanhei um punhado de neve do para-brisa de um carro, na esperança de transformá-lo numa bola, e aquilo desapareceu entre meus dedos, amorfo, leve, entorpecedor. A água começou a encharcar minhas botas e meias, e meus dedos dos pés passaram a enrijecer. Voltei, alegre, apesar do frio, e meus óculos embaçaram.

Liguei para minha mãe para mostrar a neve caindo fina lá fora.

Está nevando!, gritei.

Ela achou reconfortante, embora a neve talvez fosse muito leve para aparecer na câmera.

Esse é o campo de futebol, eu disse, apontando pela janela.

Tão branco, ela disse na nossa língua. É o lugar mais branco que eu já vi.

Minha mãe levantou o *laptop* e me mostrou a vista familiar do quarto andar da sua janela, as antenas parabólicas nos telhados. O céu dela era tão azul e o sol tão forte. O dia dela estava perfeitamente claro, como se ela estivesse vivendo uma imagem da realidade, e o céu escuro e as árvores brancas sobrecarregadas de neve que eu via pela janela fossem seu negativo.

Pelo *chat*, enviei uma foto da caixa de leite, casa branca contra fundo branco, para que ela visse o formato da minha casa nova na neve.

Parece um museu de arte internacional, ela disse. Uma nave espacial leitosa. Não é muito aconchegante, né?

É aconchegante por dentro, eu disse.

Ela riu e seu rosto congelou por um momento, no meio de uma frase, depois se mexeu de novo.

Eu daria qualquer coisa para morar aí com você, ela disse. Onde neva leite, e até as pessoas são de leite, e sai leite da torneira no refeitório, e esquilos (ou ela quis dizer *chipmunks*?) te cumprimentam de manhã.

Eu ri.

É assim que você acha que é morar aqui?, perguntei.

Sim, ela disse. Mas é óbvio. Você é uma criança sozinha num palácio. Pode comer doces o dia todo e passar à noite em claro, se quiser.

Às vezes eu vou ao trabalho, eu disse. Às vezes até estudo bastante!

Em algum lugar no corredor, lá fora, alguns alunos riram de uma piada, uma porta bateu, alguém dedilhava um violão. O céu estava nublado e a neve ainda caía, leve e linda, azulada na luz da manhã. Meu quarto tinha um cheiro frio de gelo e pinho do qual eu tinha aprendido a gostar, e o aquecedor exalava vapor. Aumentei o brilho da luminária na escrivaninha com a volta de um botão e me abriguei no seu calor, enquanto minha mãe permaneceu na sombra por mais um momento, suas bochechas brilhando por causa da luz azul da tela do computador.

Ela desviou o olhar da câmera por um instante, um vaso azul no cantinho pairando acima do seu ombro, em seguida olhou de volta para mim, as sobrancelhas arqueadas.

Então, quando você vem me ver?, ela perguntou finalmente. Ou você está planejando ficar no seu palácio de leite para sempre?

Prometi que voltaria para casa em breve, não se preocupe. Estava economizando dinheiro e poderia até tirar um semestre sabático, se ela precisasse de mim, se ela comesse a se sentir sozinha ou ficasse doente de novo. Voltaríamos a conversar pessoalmente, sem interrupções. Eu poderia levar lembrancinhas. Poderíamos nos abraçar!

Mas eu gosto daqui, disse. Um pedacinho de mim queria poder ficar aqui para sempre. Tenho aprendido todo tipo de coisas. Como os astronautas não conseguem chorar no espaço. Como uma cobra de duas cabeças briga consigo mesma por comida. Como cidades fantasmas em toda a América tiveram a madeira de suas construções reaproveitada. Como personagens em romances se apaixonam e abandonam seus amores, e se apaixonam e abandonam tudo de novo.

Estou me tornando uma pessoa melhor!

Não é tudo em vão, eu juro.

Quando terminei de falar, vi que a ligação havia congelado de novo. Eu não tinha certeza do quanto do meu discurso efusivo ela tinha ouvido.

Desliguei e liguei para ela de novo e aguardei pacientemente a resposta. Quando ela atendeu, sua câmera parecia não estar mais funcionando. Em vez do rosto da minha mãe, tudo que eu via era uma auréola branca reluzindo contra o fundo preto, o símbolo de que algo ainda estava carregando.

Você nunca me disse quando vai voltar pra casa, ela disse.

Logo, eu espero, falei mais perto do microfone. Estou economizando dinheiro.

O que você disse?, ela perguntou. Sua voz está tão longe, parece que você está falando de dentro de uma lata.

Logo.

2.

Logo descobri que o prédio principal do *campus* estava sempre aberto, com computadores e impressoras que qualquer pessoa podia usar, além de uma antiga cabine telefônica de madeira com porta de vidro escondida num canto. Peguei o telefone e me surpreendi ao ver que funcionava, o sinal insistente e alto, pronto para ser conectado a uma voz. Um papel colado na parede dizia: FREE! E, então, em letras menores: Não use para chamadas internacionais, por favor. Coloquei de volta no gancho. Pelo vidro, via os escaninhos de madeira usados como caixas de correio, sem nenhuma porta, as cartas e os pacotes intactos nos seus espaços, prova de que esse era um lugar seguro de verdade.

Poucos dias depois, descobri também a sala vinte e quatro horas da biblioteca, outro lugar que estava sempre aberto e não parecia precisar de chave. Comecei a escrever todos os textos para as minhas aulas nesse lugar, depois de todo mundo já ter ido dormir, e assisti a um amanhecer após o outro pelas suas janelas voltadas às montanhas. Safia e alguns dos outros alunos estrangeiros às vezes passavam a noite ali comigo, digitando e tomando chá da mesa de bebidas quentes, e então nos distraíamos e conversávamos sobre nossas aulas, nossos hobbies, passeios para Nova York, sobre como estávamos nos virando com

o plano de saúde da faculdade, declarando imposto de renda como estrangeiros não residentes, procurando por moradia para as férias de verão, escrevendo petições ao departamento de auxílio financeiro, fazendo transferências internacionais, planejando voltar para casa e quando.

Najwa, nossa amiga palestina, costumava se sentar no chão com seus livros e fichários espalhados por todo lado. Durante a pausa para o chá, certa noite, ela disse para a gente: achava que viajar seria mais fácil quando eu estivesse num colégio internacional chique na Europa, que eu pensaria que o mundo era menor, que poderia só me enfiar num avião e voltar para casa. Mas nos quatro anos que passei na Holanda não consegui voltar à Palestina uma única vez. Agora minha irmã de dez anos já tem quinze, está prestes a ir estudar no exterior, em alguma cidade no Canadá, e também nunca mais vai voltar para casa.

Olhei para o fundo da minha xícara de chá verde, desejando que alguém como Najwa tivesse me avisado quão difícil seria partir, quão difícil era ficar.

Safia disse que, quando estava no colégio interno para meninas no Paquistão, ela chorava toda vez que precisava se despedir das colegas de quarto e voltar para casa. Meus pais brigavam comigo no carro. Pare de chorar, Safia, o que é que você tem, por que não quer vir pra casa? Nem era na verdade porque eu estava apaixonada por uma das meninas!, ela disse, e a gente riu.

Terminamos nossas tarefas e fomos para o café da manhã no refeitório, de olhos fundos e cansadas demais para continuar o papo. Safia gostava de comer bagel com queijo cremoso e de tomar chá preto com leite. Najwa gostava de comer ovos mexidos e beber chá verde. Comi minhas panquecas em silêncio, depois enchi a caneca térmica com café e a garrafinha com *powerade*

azul da máquina de refrigerante para me manter acordada pelo resto do dia.

Na maior parte das noites, no entanto, eu ficava sentada sozinha na biblioteca, só as montanhas, os livros e eu. Apagava as luzes fluorescentes do teto e me debruçava sobre um abajur verde estilo inglês. Minha escrivaninha preferida, uma mesa de madeira escura com as pernas torneadas, tinha um apontador de lápis na borda com uma manivela, que eu gostava de girar mesmo quando não havia nenhum lápis para afiar, pois me ajudava a pensar, como se pôr as mãos para trabalhar fizesse meu cérebro trabalhar também. Numa única noite, sentada lá, terminei de ler um romance de Henry James, escrevi um ensaio sobre os contos de fada de Hans Christian Andersen e fiz um teste do BuzzFeed sobre em qual país eu deveria morar, que aparentemente era os Estados Unidos. Não importa o que você está procurando, você vai encontrar na América, dizia o resultado.

De madrugada, fui ao correio vazio e coloquei meu trabalho no escaninho do professor, o que me deixou agitada e feliz. Já não parecia tão estranho que o correio estivesse sempre aberto, que alguém como eu pudesse terminar o trabalho na biblioteca e correr para o prédio ao lado para entregá-lo, um ato de consagração que não podia esperar até a manhã seguinte. O *campus* era lindo e fantasmagórico àquela hora. A lua ainda estava alta no céu, as folhas farfalhavam na brisa gelada, os galhos estalavam sob os pés. Corri pelo gramado e depois pelo caminho mal iluminado até a caixa de leite, e não vi uma alma viva em lugar nenhum, exceto pelo coelho que pulou nos arbustos quando bati as portas do prédio.

No meu quarto, acendi a luminária, pus o pijama de flanela e liguei para minha mãe. Ela atendeu no segundo toque, surpresa que eu estivesse chamando de manhã tão cedo.

O que foi?, ela perguntou, uma xícara de café na mão. Um raio de sol caía sobre seus ombros. Ela vestia uma blusinha de alça azul-clara que eu reconhecia da nossa vida junta, que ela gostava de usar para dormir nas noites quentes.

Nada, eu disse. Só estava precisando de uma folga de manhãzinha.

Ela sorriu.

Que bom, ela disse. Então não tem novidade?

Sempre as novidades, como se nossa vida fosse feita de manchetes de jornal.

Eu fiz piada, brinquei que as telas dos nossos computadores eram TVs e nós éramos apresentadoras e âncoras do nosso próprio programa.

A situação parece estável no momento, eu disse. Nenhuma informação adicional foi divulgada. Como vai por aí nos nossos estúdios?

O vídeo dela congelou e então se mexeu de novo. Ela arregalou os olhos, soltou uma gargalhada.

Não, mas sério, ela insistiu. O que mais?

O que mais o quê?

O que tem de novo por aí? Quero saber.

Não tem muito pra contar, eu disse, balançando a cabeça.

Me conte mesmo assim. Acalme esse coração velho.

Minha mãe se aproximou da câmera, então eu só via metade do rosto dela, seus óculos refletindo o meu rosto na sua tela de volta para mim.

Acabei de chegar da biblioteca, eu disse. Terminei de escrever um trabalho sobre contos de fadas, sobre a vontade da Pequena Sereia de viver com as pessoas na terra. Para mim, não fica mais emocionante do que isso. Ainda estou flutuando, cheia de energia depois de ter pensado tanto.

Ela levantou uma sobrancelha.

Pois está bom, não me diga nada, ela disse.

Desculpe desapontar, eu disse. Mas não tenho mais nada de importante pra contar.

Minha vida não é nada como as notícias, tentei explicar, nada como o que você quer ouvir. Vou para a aula, faço meu trabalho, giro a manivela, dia após dia. Você não está perdendo nada, não estou escondendo nada de você. Tudo que faço é sentar e ler na biblioteca, comer barrinhas de cereal da máquina automática e conversar com pessoas exatamente como eu.

Ela balançou a cabeça.

Mas não tem como isso ser verdade, ela disse. Você está nos Estados Unidos, onde tudo que é interessante acontece. Você vive num filme agora, ela disse.

Então acho que é um filme bem chato.

O que mais eu tinha para te dizer? A chuva riscava as janelas. Encontrei uma formiga no parapeito da janela, rápida e viva, e a segurei entre o polegar e o indicador. No café da manhã, cada um dos meus amigos falava sobre a vida num país diferente, às vezes com dois pais e *au pairs*, e talvez não tivéssemos nada em comum além da nossa estrangeirice partilhada. Um rapaz me chamou a atenção certa noite, na luz baixa da biblioteca, já passada a hora de dormir, e eu sorri demais e falei muito rápido, mas então ele disse, Adoro seu sotaque, adoro como você pronuncia essa palavra, e nunca mais falei com ele de novo. Nada que valha a pena te ligar para contar, acredite. Não é novidade se faz parte da minha vida diária, pensei. E, por mais que me surpreendesse, esta era a minha vida.

E a ausência de notícia não é uma boa notícia? Nenhum ataque cardíaco, nenhuma morte, nenhuma mãe doente com enxaqueca e insônia?

Mas e as notícias boas de verdade?, ela perguntou. Não tem como a gente ter um pouquinho?

Por fim, me lembrei de uma novidade, coisa pequena.

Comprei uma bicicleta usada, contei. Para ir à aula.

Não acho uma boa ideia. Não é seguro, ela disse. Lembra quando seu pai caiu de bicicleta? Você tinha quatro ou cinco anos. Agora ele tem que viver sem o dedão do pé.

Tá bom, vou me livrar dela, eu disse e ri, feliz que minha mãe não tivesse mudado nada.

Enquanto ríamos juntas, esqueci que morava com outras pessoas e me surpreendi quando ouvi uma batida suave na porta do meu quarto.

O que foi isso?, minha mãe perguntou, esticando o pescoço para tentar ver além da moldura.

Eu me levantei e abri a porta enquanto ela esperava dentro da tela, sem poder ver como eu era do lado de fora.

Sentei de novo.

Quem era que estava falando?, ela perguntou.

Só minha amiga Safia, perguntando se eu estava indo tomar café da manhã com ela. Mas não se preocupe, eu não vou. Prefiro ficar aqui com você.

Não, não estou falando da porta, ela disse. Estou falando de você, você soou diferente. Mal reconheci sua voz.

É mesmo, você nunca me escuta falar inglês.

Está vendo? Isso é novidade pra mim.

Eu queria tentar viver num filme adolescente americano para variar um pouco. Havia mundos inteiros no *campus* que eu ainda não conhecia: a estufa com plantas tropicais atrás do vidro o ano inteiro. A sauna com a placa de PLEASE NO SEX.

A academia com o paredão de escalada. As festas que pareciam ser sempre o assunto na fila do refeitório.

Kayla, minha colega de apartamento com a tapeçaria na parede, sabia tudo sobre as festas. Certa noite, pus depressa uma meia-calça e um vestido e me juntei a ela em frente ao espelho grande do banheiro, na esperança de que acontecesse algo interessante, algo que valesse a pena relatar. Ela trouxe uma nécessaire com dezenas de tubos, bastões, lápis e potes. Tirei os óculos e a deixei passar blush nas minhas bochechas, espalhar corretivo numa espinha na minha testa e aplicar rímel nos meus cílios. Ajeitei de volta os óculos e encarei meu novo rosto, jovem e corado, pronto para minha vida nova.

Kayla riu dos nossos vizinhos fazendo tarefas de casa ou ligando para seus namorados antes de irem dormir às dez da noite numa quinta-feira, e eu ri junto, como se eu nunca ligasse para casa, como se aquilo não fosse necessário. Seguimos para uma das casas coloniais no fim da rua, branca com uma linda janelinha em meia-lua acima da porta da frente. Na sala, os sofás e o piano tinham sido empurrados contra as paredes para abrir espaço para uma pista de dança. Jogamos nossos casacos na pilha de parcas de pele falsa embaixo da escada. Kayla tirou um cantil de uísque Fireball de canela do bolso da calça e nos revezamos bebericando enquanto observávamos os alunos dançando despreocupados, cercados de móveis fora do lugar.

Os rostos que eu reconhecia das aulas pareciam mais jovens à noite, mais leves bebendo cerveja em copos descartáveis vermelhos, do que tomando café nas manhãs geladas. Pela janela, vi uma moça da minha aula de literatura vitoriana vomitando na neve. Um grupo de rapazes muito brancos fumava maconha na entrada. Os seguranças do campus passaram no seu carrinho de golfe e fingiram não nos ver, embora eu tenha me

assustado e me escondido no corredor com os casacos por um momento, vai saber. Eu conhecia as regras de cor, do jeito que me foram recitadas tantas vezes: eu precisava manter um status de visto legal, e qualquer problema acadêmico ou disciplinar tinha chance de acabar em suspensão, expulsão, deportação. Eu não poderia mais voltar àquele país, à minha faculdade, ao meu futuro. Fechei os olhos e rezei para que nada acontecesse. Quando os abri de novo, Kayla estava ao meu lado. O que você está fazendo?, perguntou e riu. Ela me passou o cantil e tomei um gole grande. Depois tomei mais outro, e o álcool subiu direto à minha cabeça. De repente, meus medos não pareciam mais tão importantes. Devolvi o cantil e me senti agradecida de ter uma amiga ali comigo, me fazendo companhia e me dando bebida, garantindo que nenhuma de nós ficasse sozinha. De volta ao salão, os alunos dançavam com as mãos para cima. Safia e Najwa apareceram juntas na porta da frente, procurando por alguém conhecido, e eu gritei o nome delas. As duas correram até mim e nos abraçamos, mais forte do que eu esperava, felizes de ter nos encontrado no meio de todas aquelas pessoas, de ter nos encontrado aqui, na América.

A música favorita de Kayla começou a tocar e ela passou a pular, balançando seus braços e os meus, depois puxou Safia e Najwa para um círculo que ficava cada vez maior à medida que mais pessoas se juntavam a nós. Lady Gaga cantou sobre como não importa se somos negros, brancos, bege, mexicanos ou asiáticos, e dançamos erguendo os punhos, batendo os pés, até que Kayla teve que correr lá fora para vomitar e todo mundo parou um pouco para beber uma água. Um grupo de colegas acenou para mim e eu fui dançar músicas que eles pareciam conhecer e apreciar, mas eu não, apesar de fingir que sim, e eu copiava os movimentos deles. Não precisamos de chave para entrar na festa,

dizia uma das músicas, e isso me fez sorrir, embora nem sempre fosse verdade. Cantamos sobre como éramos jovens. Bebemos mais um pouco. Gritamos nos ouvidos uns dos outros. As janelas se embaçaram. Um rapaz da minha aula de filosofia disse algo que não consegui ouvir, mas que confiei que era engraçado e gentil. Balancei a cabeça e ri. Eu me aproximei um pouco dele para tentar ouvi-lo melhor. Tentei ler seus lábios. Ele me beijou durante uma música lenta e sua boca tinha gosto de fumaça. Olhei nos seus olhos para ver o que ele via em mim, mas eles não expressavam nada.

De manhã, todos nós parecíamos dez anos mais velhos. Minhas pernas pesavam e minha cabeça doía. A espinha na minha testa estava maior, mais inflamada, e as manchas de rímel debaixo dos meus olhos não queriam sair com sabonete. Safia me mandou uma mensagem dizendo que não ia para o café da manhã. Kayla, com seu cabelo oleoso escondido num gorro, acenou levemente quando passei por ela na sala. O rosto sério de um colega de classe virou uma careta enquanto ele falava sobre Yeats. A moça que vomitou na neve pediu desculpas por estar atrasada e se sentou sem olhar para ninguém. O garoto que me beijou se enfiou num banheiro quando me viu no corredor. Ninguém sorriu, ninguém falou comigo, eu não falei com ninguém. Tomei duas aspirinas do kit de primeiros socorros da minha mãe, bebi meu café e lhe mandei uma mensagem perguntando se ela queria conversar naquela noite. Eu não tinha nenhum outro plano.

Se minha mãe assistisse a esse filme, veria uma criança que se despede da mãe e vai brincar com outras crianças. Elas brincam e brincam e brincam e brincam. Depois se cansam de brincar. Alguém, qualquer pessoa, pode, por favor, vir nos buscar? Queremos ir pra casa, dizem no final.

Horas azuis

«Nas minhas malas, só couberam meus diários, poucos livros favoritos, algumas roupas, frasquinhos de xampu e condicionador e uma minibarra de sabonete para me ajudar a sobreviver aos primeiros dias. Minha mãe me deu a bolsinha vermelha de primeiros socorros que ela deixava no carro com analgésicos e curativos e eu a enfiiei na mochila, pronta para enfrentar o mundo, mesmo que me machucasse.»

Uma jovem brasileira muda-se para os Estados Unidos para estudar Literatura. Reservada e introspectiva, vai-se adaptando à rotina do *campus*, à luz minguante e ao frio crescente. A amizade com outras alunas ajuda a preencher os intervalos das longas sessões de estudo. É isto que vai contando à mãe. Diante da luz azulada do ecrã do computador, mãe e filha contam o que podem e calam o que não pode ser dito. À medida que as cores do outono dão lugar à brancura silenciosa do inverno, elas perguntam-se o que trará a primavera: novos começos ou o fim do que sempre conheceram?

Bruna Dantas Lobato, tradutora premiada com o National Book Award, estreia-se na ficção com um romance sensível e delicado que é um verdadeiro feito literário. Retrato pungente do afeto familiar que resiste às distâncias impostas pela vida, *Horas azuis* surpreende com a sua comovente placidez e quietude.



«Sem dúvida, uma das narrativas mais originais da literatura brasileira contemporânea sobre a complexidade das relações entre mães e filhas.»

Jeferson Tenório

«Uma meditação enfeitiçante sobre a distância e a intimidade.

Resplandecente.»

Tess Gunty

«Melancólico e deslumbrante [...] A prosa é a encarnação da solidão. [...] Uma reflexão íntima sobre casa e saudades de casa, pertença e desejo de pertença, deixar e ser deixado, e sobre todos os pequenos gestos que tentam superar uma distância impossível.»

BookPage



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

[companhiadasletrasportugal](https://www.facebook.com/companhiadasletrasportugal)

ISBN: 978-989-589-639-4



9 789895 896394